



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



PPGELS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE

**JOÃO GUMES E O ENSINO DE HISTÓRIA:
MATERIAL SUPORTE PARA A APLICAÇÃO
DO JORNAL *PENNA* NAS ESCOLAS DA
CIDADE DE CAETTÉ, BAHIA.**

Autor: Diego Raian Aguiar Pinto

Orientadora: Maria Lúcia Porto Silva Nogueira

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

P659j

Pinto, Diego Raian Aguiar

João Gumes e o ensino de História: material suporte para aplicação do Jornal A Penna nas escolas da cidade de Caetitê - Bahia. _ Caetitê, 2020.

32 p. : il.

Orientador(a): Dra. Maria Lúcia Porto Silva Nogueira.

Produto didático (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS.

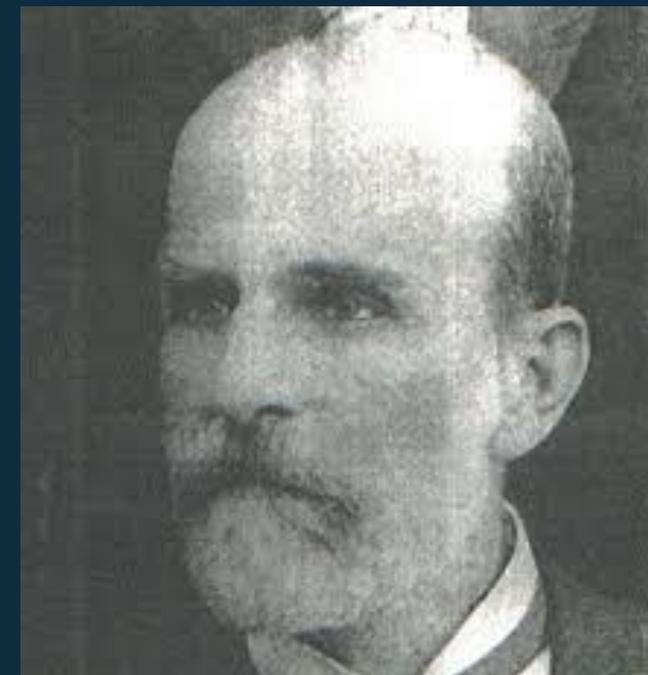
1.Educação - Bahia . 2.Ensino de história - Bahia. 3.João Gumes.

CDD: 981



JOÃO GUMES: VIDA E OBRA

JOÃO ANTÔNIO DOS SANTOS GUMES NASCEU EM 10 MAIO DE 1858. DURANTE SUA VIDA, ASSUMIU DIFERENTES PAPÉIS SOCIAIS, SENDO ESCRITOR, INTELLECTUAL, JORNALISTA E PRATICANTE DE TANTOS OUTROS OFÍCIOS. POR MAIS DE 30 ANOS, GUMES UTILIZOU-SE DO PERIÓDICO A PENNA, DE SUA PROPRIEDADE, PARA NOTICIAR DIVERSOS PROCESSOS QUE MARCARAM A ENTRADA DE CAETITÉ E DO ALTO SERTÃO NOS “NOVOS TEMPOS”, TERMO SEMPRE EMPREGADO PELO AUTOR PARA TRATAR DO ADVENTO DA NOVA DINÂMICA DO MUNDO. GUMES FALECEU EM 29 DE ABRIL DE 1930.



Fonte:
Arquivo Público Municipal de
Caetité

João Gumes

Na intimidade em que vivi, como filho, conheço de João Gumes, sua vida, nos mais insignificantes detalhes.

João Gumes nasceu no dia 10 de maio de 1858, nesta Cidade de Caetité, na casa em que morreu em 29 de abril de 1930.

Filho de pais pobres, pois seu pai era apenas mestre-escola, ficou orfão dos carinhos maternos aos doze anos.

Erão seus pais: Professor João Antônio dos Santos Gumes e Ana Luiza das Neves Gumes. Desde novo revelou forte pendor para as letras e obteve alguma instrução na escola de seu pai, depois com os próprios esforços. Aos dezete anos, por recomendação de seu tio Professor Marcelino José das Neves, foi contratado como professor pelo Capitão Bernardo Pereira Pinto para ensinar as primeiras letras aos seus filhos, em uma fazenda Lagôa do Obras, para onde foi em março de 1876 e lá permaneceu quatro anos, tempo em que teve a oportunidade de estudar o francês e traduzir para o português o livro "O Brasil" de Ferdinand Denis. Resignando-se ao cargo assumido naquela fazenda, contratou com o Dr. João José de Faria para ensinar aos de sua família. Voltou, assim, para a fazenda Barriguda, na baía de Monte Alto, lá permanecendo mais quatro anos. Na escuridão de um meio civilizado, constituiu um patrimônio de amizades tão vasto que a custo se apartou, no ano de 1893.

Já aí o Gumes se preparava para casar, e que fez em ju-

rios apurados compra uma máquina pedal e mais tipos.

Foi nessa quadra, em 5 de março de 1893, que se editou e recorre aos jornaleiros A Penna que marcam época no progresso de Caetité. Já aí ele ocupava os cargos de Colutor Federal, Estadual e Territorial, contador da Intendência Municipal. Mas a injunção política de 1903 a 1904 que perturbou a vida de Caetité, atingiu-o, paralisando parte de suas atividades. Com isto foi suspensa a publicação d'A Penna que se substituiu pelo "Lapis". Este durou cerca de dois anos em alternância com pequeno jornal "A Trilinha", dedicado aos belos versos. Já aí embaldado com incidências nefastas, teve ele que passar uns dias no baía para recuperar as forças, assim, foi para a fazenda Boa Vista do município de Monte Alto. Simultaneamente foi ocupando o cargo de assessor ou esultador no município de Uamburanas, onde viveu constantemente até 1908.

Não resta dúvida que João Gumes foi feito para as letras. O seu pendor para isso era tão acentuado, que mesmo sobrecarregado dos mistérios da família, sobrava-lhe tempo para pôr em ação o seu sonho domado. Assim, em 5 de abril de 1910, quando completava um século a instalação da vila de Caetité, fez editar mais uma vez A Penna, para comemorar a data. Foi esse um número isolado, para hoje, depois, em 12 de dezembro de 1911 das iniciais efêmeras ^{A Penna} a publicação ^{que} marchou ininterruptamente até sua morte.

Biografia de João Gumes, 1970. Sadi Gumes.
Arquivo Público Municipal de Caetité.

FAMÍLIA

João Antônio dos Santos Gumes nasceu em 10 de maio de 1858, na cidade de Caetité. Seus pais eram João Antônio do Santos Gumes e Ana Luiza das Neves Gumes.

Casou-se em junho de 1884 com Antônia Dulcina Pinto Gumes, com quem teve dezesseis filhos: Maria Sofia, Ana Rufa, Sadi Rútilo, Luís Antônio, Huol, Carmem, Heloísa, Cândida Stela, Dulce Áurea, Eponina Zita, Célia, Celina, João Kardec e Antônio.

TRAJETÓRIA

Gumes tornou-se professor aos 18 anos de idade, quando o capitão Bernardo Pereira Pinto o contratou para lecionar as primeiras letras para os filhos. Partiu em 1876 para fazenda Lagoa do Morro, onde permaneceu por quatro anos se dedicando à profissão e ao estudo de francês. Findado esse período, João Gumes migrou para a fazenda Barriguda, no baixio de Monte Alto, fixando residência por mais quatro anos. Depois disso, mudou-se para Caetité, local de contexto da sua maturidade enquanto homem, escritor e jornalista.

Em Caetité, sonho de Gumes começou a se materializar. Trabalhou por muitos anos em pequenos cargos municipais na cidade de Caetité, interior da Bahia. Foi Escrivão da Coletoria Estadual e Secretário de Intendência Municipal, ofícios que proporcionaram ao escritor a visualização de uma falta: um mecanismo de impressão, já que o município gastava uma quantidade considerável de dinheiro para adquirir impressos na cidade de Salvador, capital da Bahia. Começava a tomar forma o João Gumes escritor, jornalista e proprietário de um jornal.

J.G, então, encomendou a vinda de uma modesta tipografia da cidade de Salvador, mesmo sem muito conhecimento sobre impressões. Depois de organizar os tipos e a prensa, o iniciante jornalista fez o seu primeiro impresso, o que tão logo proporcionaria a impressão do primeiro jornal, em 1896, O Caeteteense, que comemoraria a chegada em Caetité do Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, governador da Bahia e renomado médico.

EM 05 DE MARÇO DE 1898 LANÇOU O PRIMEIRO EDITORIAL DO A PENNA, JORNAL RESPONSÁVEL POR FORNECER A GUMES GRANDE NOTORIEDADE SOCIAL E CULTURAL NO ALTO SERTÃO DA BAHIA.

JORNALISTA



Depois de ter recebido a prensa encomendada, João Gumes, mesmo sem saber o real funcionamento da máquina, edita o primeiro jornal dessa região, O Caeteteense, no ano de 1896.

A presença de uma máquina editorial em um região tão afastada dos grandes centros colocava Caetité em uma posição de destaque em toda região. João Gumes sonhava em modernizar essa sociedade e a chegada da imprensa foi uma tentativa de realizar esse sonho.

Rotativa do Jornal A Penna.
Arquivo Público Municipal de
Caetité.

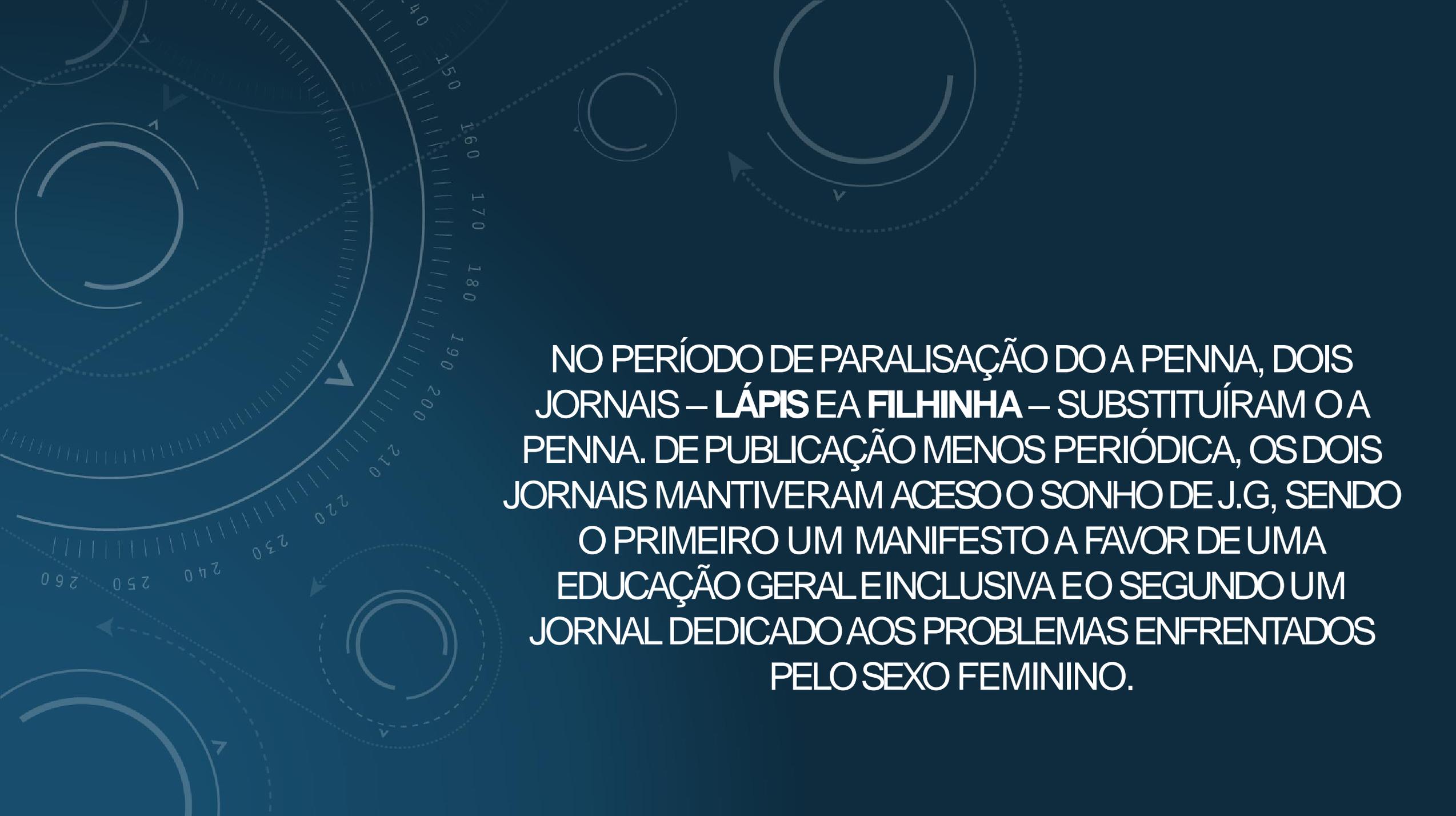
A PENNA

O A Penna foi um periódico de publicação constante, publicado semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente. Para o autor, "A Penna é um jornalzinho simpático que teve sempre por programa trabalhar em favor do alto sertão, pela sua prosperidade e civilizamento." Enquanto marco histórico, o jornal em questão foi um dos primeiros periódicos existentes nos sertões baianos, o que concede a ele importante lugar de representações dos processos políticos, econômicos e culturais dessa região.

O primeira edição do A Penna foi a público em março de 1898. Entre os anos de 1903 e 1904, parte das atividades do jornal A Penna foi paralisada. No dia 05 de abril de 1910, em comemoração ao centenário da instalação da vila de Caetité, João Gumes, depois de ter reunido inúmeros esforços, retoma a publicação do jornal A Penna. O sonho de J.Gem ter um periódico de publicação regular durou até sua morte, no dia 29 de abril de 1930

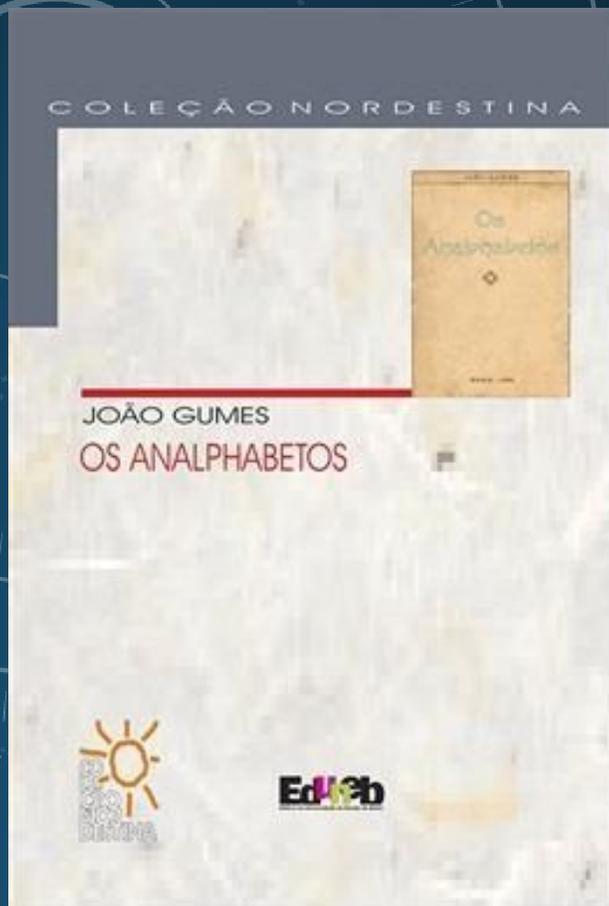


Editorial digitalizado do jornal A Penna. Arquivo Público Municipal de Caetité.

The background is a dark blue gradient with several circular elements. On the left, there is a large circular scale with tick marks and numbers ranging from 140 to 260. Other smaller circles and dashed lines are scattered across the background, some with arrows indicating a clockwise direction.

NO PERÍODO DE PARALISAÇÃO DO A PENNA, DOIS JORNAIS – **LÁPIS** E **FILHINHA** – SUBSTITUÍRAM O A PENNA. DE PUBLICAÇÃO MENOS PERIÓDICA, OS DOIS JORNAIS MANTIVERAM ACESO O SONHO DE J.G, SENDO O PRIMEIRO UM MANIFESTO A FAVOR DE UMA EDUCAÇÃO GERAL E INCLUSIVA E O SEGUNDO UM JORNAL DEDICADO AOS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELO SEXO FEMININO.

OS ANALPHABETOS



João Gumes.
Os Analfabetos, 2014

O livro *Os Analfabetos*, escrito em 1927 e publicado inicialmente em folhetins nos jornal A Penna, consiste em um romance-protesto que contém fortes críticas à ausência do apoio governamental ao processo educacional; a persistência do analfabetismo no Brasil já republicano incomodava João Gumes, principalmente por considerar que o atraso vigente nos sertões era totalmente ligado à falta de escolarização. A história do romance é construída inicialmente com três personagens de uma mesma família sertaneja, da zona rural. Zezinho, personagem principal do romance, foi construído como um menino ansioso para conhecer as letras e mudar a sua situação de vida; ele sabia que a educação seria o único caminho para modificar as difíceis condições de sua família. Percebe-se que Zezinho reverbera por completo os ideais educacionais de João Gumes, autor do romance. Zezinho é construído com a clara de intenção de colocar a público as concepções de J.G. Em 2014 a EDUNEB publica uma segunda edição do romance.

O SAMPAULEIRO

O **Sampauleiro** descreve a prática nociva da migração dos nordestinos para o sul do país, fato que, segundo o autor, prejudicava grandiosamente o desenvolvimento do sertanejo. O romance foi escrito entre os anos de 1917 e 1929 e publicado de modo inicial em folhetins no jornal A Penna. Em 2018, em parceria, a EDUNEB e a EDUFBA publicaram a segunda edição do romance.



2º volume do romance O Sampauleiro.
Arquivo Público Municipal de Caetité



Vida Campestre.
Os Analphabetos, 1918

VIDA CAMPESTRE

Vida Campestre, presente em folhetim no A Penna entre os anos de 1914 e 1917, é um relato dos costumes encontrados nos sertões baianos, no qual o autor descreve as relações sociais e os aspectos culturais encontrados no Alto Sertão da Bahia. O romance trata-se de um importante registro histórico das diferentes práticas culturais do Alto Sertão da Bahia; a religiosidade, as festividades, a culinária e formação racial são alguns dos temas tratados por João Gumes nessa produção.

João Gumes escreveu ainda mais um romance, Pelo Sertão, presente no A Penna entre os anos de 1913 e 1914. O romance é uma descrição dos costumes encontrados no Alto Sertão da Bahia.

Entre os escritos do autor, destaca-se ainda Abolição, Seraphina, Mourama, Sorte Grande e Vida Doméstica, de gêneros diversos e alguns não concluídos.

No geral, as obras de João Gumes apresentam fortes críticas sociais e expressam seu grande desejo de modernização do seu espaço.

OUTRAS PRODUÇÕES DE GUMES



Partituras compostas por João Gumes.
Encontradas no APMC, sem data de
publicação.



Fonte:
Arquivo Público Municipal de
Caetité



Pintura de Allan Kardec feita por João Gumes. João Gumes foi um dos responsáveis por trazer o espiritismo para a cidade de Caetité. Representar Kardec, expoente dessa doutrina, em uma obra é muito simbólico.

Foto tirada por Joseni Pereira Meira Reis e apresentada em sua dissertação de mestrado, 2010.

O APMC E A SALVAGUARDA DA PRODUÇÃO DE GUMES

O **Arquivo Público Municipal de Caetité** é o grande responsável por manter a obra de João Gumes viva. O APMC foi inaugurado no ano de 1997 e funciona até nos dias atuais na antiga Casa de Câmara e Cadeia, restaurada entre os anos de 1994 e 1995 pelo Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC.

O arquivo conta com um vasto material de João Gumes, disponível para pesquisadores e visitantes interessados na temática.

O *Jornal A Penna*, principal produção do intelectual, encontra-se digitalizado e disponível para pesquisa desde o ano de 2003. Além de ser um importante registro histórico do Alto Sertão da Bahia, o jornal *A Penna* é um dos grandes responsáveis pela construção histórica e cultural dessa região – são inúmeros os trabalhos acadêmicos que utilizaram o *A Penna* como fonte de pesquisa.

O Arquivo Público Municipal de Caetité é localizado na Praça Dr. Deocleciano Teixeira, número 52 e funciona de segunda à sexta feira, das 08h:00 min às 12h:00 min e das 14h:00 min às 18h:00 min.



**Imagens extraídas do endereço virtual
do Arquivo Público Municipal de
Caetité:**

<http://www.arquivocaetite.ba.gov.br/>

JOÃO GUMES E O ENSINO DE HISTÓRIA

A história local surge como uma ferramenta de modificação da estrutura historiográfica. Revisar a história a contrapelo pressupõe modificar os polos da análise histórica e, para isso, a história local pode servir como modelo, uma vez que ela objetiva analisar os pormenores da história, partindo de uma visão micro para uma visão macro.

O objetivo final do ensino de história é alcançar o conhecimento histórico, conforme elucida Rüsen (2007). É de suma importância que a história ensinada nas escolas tenha significado na vida dos alunos e que aquele conteúdo histórico o auxilie no processo de entendimento da dinâmica social que está em sua volta. Geralmente, o ensino de história é transmitido para o aluno sem grandes significados em sua vida, uma vez que ele tem como principal tarefa decorar nomes e eventos “importantes” da história. O processo de Revolução Francesa, por exemplo, se não ressignificado para a realidade do aluno, tende a ser esquecido e não analisado de uma maneira crítica.

João Gumes é um ser histórico. A possibilidade de transformar os escritos de Gumes em material didático é uma tentativa de recolocá-lo em uma posição de representante dos processos históricos que marcaram Caetité, o Alto Sertão da Bahia, o Brasil e o mundo. Por tudo isso, afirmamos a importância do intelectual caetiteense para a formação desse espaço sertanejo, repleto de sociabilidades e importante para construção do Brasil.

Os escritos deixados por Gumes, hoje, se transformam em fontes históricas para o entendimento da realidade que circunda o sertanejo e o sertão. Levar esses escritos para a sala de aula fornecerá para o ensino de história uma abordagem local, pertencente a realidade dos sujeitos envolvidos no processo educacional. A educação não se faz distante da experiência individual do ser social.

Professor, use e abuse da história local para o ensino de história. Sigamos a máxima do mestre Paulo Freire: a educação não pode ser separada da realidade do aluno.

Anexado a esse material, encaminharemos alguns escritos de João Gumes e algumas sugestões de sua utilização na aula de história.

Bom trabalho!





JOÃO GUMES E O ENSINO DE HISTÓRIA

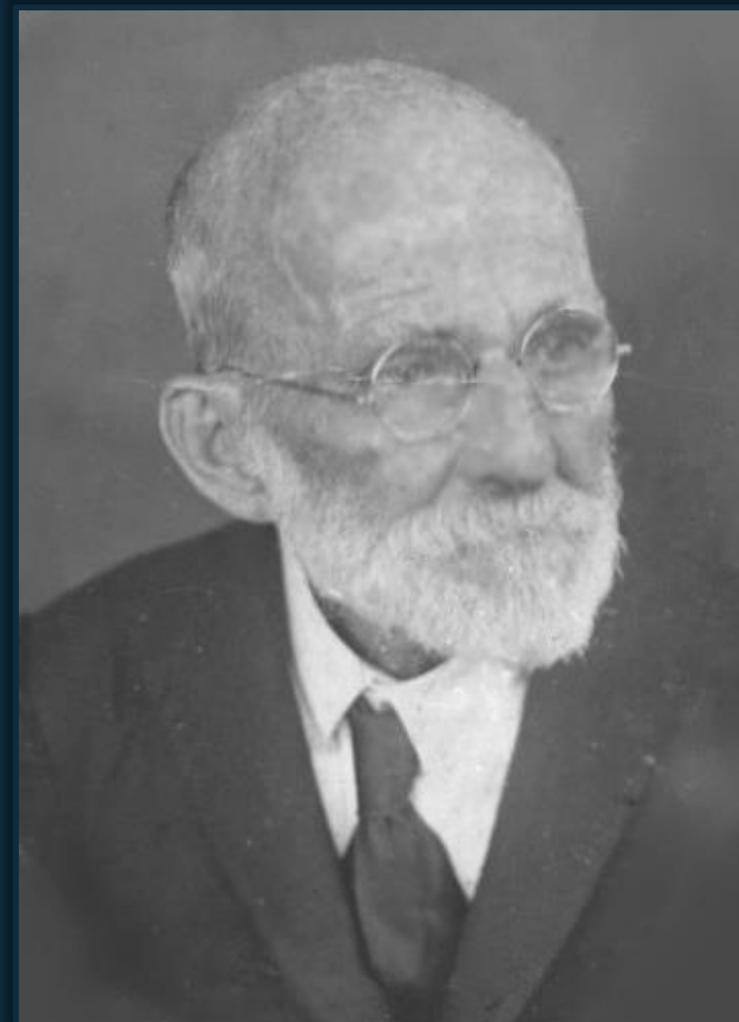


“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”

Freire (Pedagogia da Autonomia, 2003, p.61).



Nesse material, disponibilizo um quadro de possíveis associações entre os artigos do jornal *A Penna*, de propriedade de João Gumes, e os conteúdos de história trabalhados no Ensino Médio. Foram escolhidas 09 possíveis abordagens. As discussões teóricas/metodológicas realizadas em minha dissertação, *A Educação, o Povo e as Práticas Culturais Sertanejas nos Escritos de João Gumes* (2020), mais especificamente no capítulo 5, *João Gumes e o Ensino de História*, referenciam essa proposta de trabalho.





O objetivo central do produto ofertado é a aproximação dos escritos de Joao Gumes do ensino de história; por entendê-lo como representante de vários processos históricos que marcam o Alto Sertão, a Bahia e o mundo, objetivo utilizar a sua obra como ferramenta para o ensino de história, com foco na aplicação da história local, abordagem histórica que visa aproximar a história das realidades dos mais variados sujeitos sociais.

EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO:

- **CONTEÚDO:** Revolução Industrial



- **Matéria do Jornal Utilizada:** 19 de novembro de 1925 (Seção – A festa dos automóveis)
- **POR QUE UTILIZAR OS ESCRITOS DE GUMES EM UMA AULA SOBRE A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL?**
 - Com essa proposta, incentivamos o aluno a conhecer os efeitos da Revolução Industrial em seu território, aproximando-o do conteúdo de história, o que, conseqüentemente, fornecerá a ideia de que a história acontece em todos os espaços possíveis, sendo ele mesmo um sujeito construtor de contextos. Além disso, tal proposta segue as indicações direcionadas pela nova BNCC (2018), que defende a utilização das especificidades territoriais no processo de ensino-aprendizagem. O aluno precisa ser sujeito ativo dentro da estrutura educacional e a história local é uma ferramenta para o cumprimento desse objetivo. A utilização dos escritos de João Gumes se estruturam dentro de todas essas ideias.

Ao lecionar o conteúdo Revolução Industrial, espera-se que o professor dialogue com os alunos sobre os efeitos desse processo histórico na vida dos sujeitos da época e dos sujeitos contemporâneos. É fato que a Revolução Industrial modificou muitos dos parâmetros de vivência do ser humano, com influências no campo político, econômico e, sobretudo, ideológico. **COMO ESSAS MODIFICAÇÕES FORAM VISUALIZADAS NO SERTÃO BAIANO?** Por vezes, ao falar de Revolução Industrial, o aluno pode considerar esse evento como um fato isolado da Inglaterra, por outro lado, os sertanejos do Alto Sertão da Bahia, por exemplo, também participaram dessas modificações estruturais.

Ao lado é possível visualizar um escrito de João Gumes sobre a chegada dos automóveis em Caetité. **O QUE AQUILO REPRESENTOU?** Gumes deixa evidente que os automóveis eram símbolos do progresso que os sertões deveriam alcançar. Os automóveis são frutos de um processo de industrialização. **Nesse caso em específico, é possível analisar a industrialização brasileira e, principalmente, a chegada dos efeitos da Revolução Industrial na cidade dos próprios alunos.** É uma abordagem que tende a ser bastante interessante para o melhor fluir da aula. É esperado grande participação dos alunos, que se verão como participantes da história.

A festa dos automoveis

Não entraram n'esta Cidade no dia 5 deste, logo após a circulação da nossa folha, como noticiamos, os primeiros automoveis adquiridos pela Companhia Melhoramentos Sertanejos; mas no dia 6, logo p a manhã estavam elles na antiga Pedra do Conselho, aonde iriam encontrar os grande numero de pessoas, as escolas e auctoridades.

Logo ás 9 horas começaram a passar pela frente desta redacção, por onde fatalmente tinham que entrar solemnemente os portadores do nosso progresso, grande numero de pessoas de todas as classes; e em todas as residencias da rua 2 de julho muitas familias se aglomeravam ansiosas por ver a novidade.

Afinal, das dez para as onze horas ouviu-se o signal ajustado para a entrada,—o estouro de um petardo,—subindo logo aos ares copia de fogos do ar e ouvindo-se os accents de um alegre dobrado que executava a «Lyra Caetéense» de mixtura como viver da grande massa de povo que constitua o prestito e em parte enchia não só a jardineira como o caminhão, que descia com o vagar possível em meio do povo alacramente ruidoso e entusiasmado. Para nós, pobres sertanejos que até agora só tínhamos a nossa disposição, para as nossas viagens e transporte de mercadorias, o luar, esse facto tinha uma importancia que sómente nós podemos avaliar.

Parecerá ridículo a quem conhece esse systema de vehiculação, já commum em outros centros, que nos sentissemos commovidos até ás lagrimas ao vermos apenas dois automoveis, os primeiros que rodavam por nossas estradas; mas não é, comprehendam os cultos para quem esse genero de viatura já é familiar. Entre nós, naquella massa enorme de povo, contavam-se aos centenas pessoas, mesmo das classes humildes, que conhecem o automovel e ja delle se utilisaram no Estado de S. Paulo, no Rio e na nossa Capital; mas estas mesmas pessoas sentiam-se entusiasmadas e commovidas, achavam-se como que delirantes de jubilo ao presenciarem a realização de uma das maiores conquistas, de uma das mais esplendidas victorias, com que sonhávamos desde tantos annos.

Porque?

Porque está na comprehensão de todos nós que dos meios facéis de locomoção e transporte, do encurtamento das distancias que delles nos advem, é que depende o nosso real progresso, o nosso civilizamento, a nossa prosperidade, o entrarmos na communhão dos centros onde as industrias, o commercio, a aperfeiçoada agricultura e aperfeiçoamento dos meios de beneficiar o seu producto, constituem o fundamento da sua prosperidade e riqueza. E esses mesmos que, por terem frequentado os

Editorial do Jornal A Penna, 19 de novembro de 1925.

Espero que vocês, professores de história do município de Caetité, se abram para essa possibilidade. **A certeza é a de que a história será ensinada de modo mais dinâmico e em consonância com as realidades dos alunos, o que, conseqüentemente, fortalecerá a cultura local e auxiliará na formação de identidades.**



Edição do Jornal <i>A Penna</i>	Tema(s) Escolhido (s) do Jornal	Possíveis relações Com o Ensino de História
15 de novembro de 1898.	Comemoração da Proclamação da República	Independência Brasileira e Proclamação da República
20 de novembro de 1901. <i>Seção Pelo Mundo.</i>	O advento da eletricidade	Revolução Industrial – Positivismo – Belle Époque
09 de janeiro de 1912. <i>Seção Êxodo.</i>	Secas, Migrações para o sul do país e a Abolição dos escravos	Sistema Colonial Brasileiro – Abolição dos Escravos – Economia brasileira do século XX – Grandes secas no nordeste brasileiro

Edição do Jornal <i>A Penna</i>	Tema(s) Escolhido (s) do Jornal	Possíveis relações Com o Ensino de História
16 de outubro de 1924. Seção <i>A Caldeira</i> .	O Transporte da Caldeira e a instalação da energia elétrica	O descaso governamental com o Nordeste Brasileiro – O desenvolvimento socioeconômico do sul do país – Economia e sociedade brasileira do século XX
12 de março de 1925. Seção <i>Modas Indecorosas</i> .	As normas e a moda do século XX	Noções morais do século XX – A condição da mulher na sociedade brasileira
19 de novembro de 1925. Seção <i>A Festas dos Automóveis</i> .	Chegada dos primeiros automóveis em Caetité	Revolução Industrial – Progresso nos sertões baianos

Edição do Jornal A Penna	Tema(s) Escolhido (s) do Jornal	Possíveis relações Com o Ensino de História
<p>18 de setembro de 1924. Seção <i>Força e Luz</i>.</p>	<p>Chegada da Caldeira na cidade de Caetité</p>	<p>Modernização da sociedade brasileira – Chegada da luz elétrica nos sertões do Brasil – Disparidade entre o sul e o nordeste</p>
<p>04 de fevereiro de 1926. Seção <i>Eleições Presidenciais</i>.</p>	<p>Eleições brasileiras do ano de 1926</p>	<p>Primeira República – Período Vargas</p>
<p>02 de setembro de 1926. Seção <i>O Problema Sertanejo</i>.</p>	<p>A sociedade e a economia sertaneja do século XX</p>	<p>Os ciclos econômicos do Brasil: açúcar, mineração e café</p>



O jornal *A Penna* encontra-se no Arquivo Público Municipal de Caetité. O público pode ter acesso aos seus editoriais em formato digital de segunda à sexta-feira. Neste material, ofereço apenas algumas possibilidades de utilização do *A Penna*.

São muitos editoriais, com múltiplas possibilidades de trabalho. Com o *A Penna* O professor/pesquisador conta com uma importante fonte para a reconstrução dos processos políticos, econômicos e culturais que marcaram a Bahia, o Brasil e o mundo. Não deixem de aproveitar!

Todas as edições do jornal *A Penna* citadas no presente material estão disponibilizadas no link abaixo. Basta acessar e desenvolver a sua aula.
Aproveite!

<https://drive.google.com/drive/folders/13IYWcQhRBvjXGsB-nOWNiPMYIQHpDkxu?usp=sharing>



“Todo mundo ama um dia todo mundo chora, um dia a gente chega, no outro vai embora.

Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carregado de ser capaz, de ser feliz.”

Almir Sater, **Tocando em Frente.**

Autor: Diego Raian Aguiar Pinto

Orientadora: Maria Lúcia Porto Silva Nogueira